

PdCG

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PREFEITURA DO CAMPUS USP DE RIBEIRÃO PRETO
DIVISÃO DE ATENDIMENTO A COMUNIDADE
SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS

—

Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-Reitor

Prof. Dr. Marcelo de Andrade Roméro
Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. Osvaldo Luiz Bezzon
Prefeito do Campus USP de Ribeirão Preto

Eduardo Cesar Benedicto
Diretor da Divisão de Atendimento a Comunidade

Camila de Carvalho Michelutti
Chefe da Seção de Atividades Culturais

Volume **22** – 2015 / ISSN 1516-0513 • *Poeta de Gaveta* é uma publicação anual de textos de poesia e prosa produzidos por alunos, docentes e funcionários dos *campi* do interior da USP, com etapas de inscrição e seleção. É editada pela Seção de Atividades Culturais da Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto — PUSP-RP. Os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

USP

PRCEU
USP

PUSP-RP

atividades
culturais

22

Poeta de Gaveta

Produção Seção de Atividades Culturais

Coordenação do programa Lelo Guazzelli

Seleção de originais Antônio Roberto Giraldes / Valnei Andrade

Preparação e projeto gráfico *Eis Estúdio*, design gráfico + projetos editoriais

Seção de Atividades Culturais / 2016

Aurélio M. C. Guazzelli (Lelo)
Camila de Carvalho Michelutti
Carlos de Araújo Arantes
Ivani Moreno Cardoso
Lélis Camilo Cavalieri
Rafael dos Santos Elias
Sandra Regina Arcanjo de Carvalho Melo

SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS • DVATCOM • PUSP-RP • USP

Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto
Rua Pedreira de Freitas, casa 04 – T (16) **3315.3530**
14040-900 Ribeirão Preto, SP

cultura.pc@usp.br

f/atividadesculturais.usp.rp

www.prefeiturarp.usp.br/cultura

Apresentação

#22

Era uma vez um mundo onde várias pessoas não sabiam escrever, mas com o tempo o alfabeto ficou mais acessível e a escrita deixou de ser um dom, por isso muitas delas passaram a ler muito e discutir todos os assuntos. Depois de um tempo, mesmo letradas, quase não se lia, pois já se podia ouvir a opinião de quem lia por rádios e televisores, às vezes, quando podiam, se discutiam essas notícias com os amigos. Hoje nesse mundo pode-se escrever, ler, falar e ouvir à longa distância e muito rapidamente. E em nome dessa pressa, a escrita desenvolveu uma forma primitiva de comunicação que fica próxima da sensação de quando se conhece um estrangeiro e não dominamos o seu idioma nativo. E logo se percebeu que não é necessário mais que isso, pois essa população já não lê porque não entende a leitura, não discute o porquê e nem tem muita opinião, apenas um raso conhecimento do seu mundo.

Viajando um pouco por essas questões da armadilha do tempo em nossas vidas, que faz cada vez mais com que os humanos estejam ligados em uma rede de “bons amigos” que agem e pensam uniformemente para não discutir profundamente e aí não perder o precioso.

Comecei a folhear os textos dessa edição e vi como é linda a diversidade criativa de nossos autores. Este *Poeta de Gaveta* está mesmo intrigante. Os textos aqui selecionados trazem histórias bem diversificadas. Vários temas, caminhando pela morte, velhice, sexo, infância e juventude.

As confusões de nossos sentimentos humanos transformaram-se em belas obras. Um olhar bem especial de nossos autores nos leva a refletir

sobre as relações e os gestos de nossa vivência. O humor é preciso e imediato. As palavras nos levam a imagens interessantes.

O cotidiano, aqui descrito, não está só em palavras lidas. Ouço sons e sinto cheiro.

Parece que a distância entre o homem contemporâneo e seus sentidos, aumentada principalmente pelos hábitos tecnológicos atuais, gera causa e reação, e a literatura atual se aprofunda na necessidade de nos revelar essas experiências de maneira intensa.

Convido a todos para uma incrível viagem!

Lelo Guazzelli — Organizador

Comissão de seleção

por Antônio Roberto Giraldes

**As melhores estórias dependem
dos melhores ouvintes,
assim como as grandes frases
só surgem de quem agiu
[...]**

(Vou te explicar, amigo – p. 39)

Mudam-se as mídias, muda-se cultura. Porém, de tempos em tempos, retornamo-nos à poesia, que, apagada no livro, não passa de cinzas (“De um poema ainda que queimado/ sempre restarão cinzas” — “Cinzas de um poema”, p. 36), mas, lida por um melhor ouvinte, trará melhores poetas.

A ação de ler transforma a tinta do livro em arte, transcende escritor e leitor, que se confundem com o próprio papel (“E eu me rasgo em palavras” – p. 33), permite com que biólogos, físicos, escriturários e professores se “aceitem como poetas”, enfim, um “olhar gentil” (“Gentis olhares”, p. 37) mostra-se belo não somente no que é observado, mas, principalmente, no ato da leitura, da nova abertura das gavetas.

Em mais uma edição do *Poeta de Gaveta*, poetas e escritores surgem e ressurgem, como a própria poesia. Há textos vindos de todas as “partes”: haicais; experimentos concretistas; versos livres, mas cadenciados; contos; pequenas e belas histórias tanto em poesia quanto prosa.

Existem também, nubladas, sombras de outros poetas/escritores

conhecidos, percebidos diretamente ou de tabela num misto de “Mimesis” camoniana clássica com pós-modernidade, mosaico de referências, tendências e processos de produção artística.

As soluções dos “poetas de gaveta” variam de acordo com as experiências, leituras e vivências nas suas áreas e vidas. Cabe a nós, leitores, debruçarmos nosso olhar e torná-los vivos, fazer do encontro a arte.

Daí vem a importância deste projeto, que segue ano a ano respirando vivências e trazendo o exercício estético aos criadores, às criaturas e aos leitores: sempre encontramos pérolas escondidas nos fundos de nossas gavetas, esquecidas pelo tempo e pelo correr do dia.

Bom divertimento!

Antônio Roberto Giraldes é Bacharel em Letras com Habilitação em Português e Linguística, Licenciado em Língua e Literatura Portuguesas, Mestre e Doutorando em Educação na área de Mitohermenêutica e estudos do Imaginário. Leciona há 23 anos, possui trabalhos científicos referentes à Educação vinculados à Universidade de São Paulo, à Universidade de Campinas e ao Centro Universitário Moura Lacerda. Publicou também um capítulo da coleção “Filosofia e Educação” pelo Centro de Estudos Medievais Oriente/Ocidente (USP). Participou do júri da Olimpíada Brasileira de Linguística de Ensino Médio. Foi um dos responsáveis da Equipe Brasileira na *International Linguistics Olympiad* (2013), em Manchester, na qual a Equipe recebeu a premiação de duas menções honrosas e uma medalha de ouro.

Ah, poesia: este “inutensílio”*!

por Valnei Andrade

O neologismo que intitula este texto foi cunhado pelo poeta e escritor curitibano Paulo Leminski (1944-1989) e sintetiza de maneira inventiva, em uma palavra, qual a “utilidade” da literatura e, especialmente, a poesia. Serve para tudo e não serve para nada... “*Inutensílio — o prazer da palavra*”, assim ele formulou.

Em um mundo dominado pela visualidade — fotografia, cinema, TV, *outdoors*, internet etc. —, em que tudo precisa ter utilidade, a literatura vem dizer o contrário e o infinito. Loucura pouca é bobagem.

Parafraseando Gilberto Gil, que existem várias maneiras de fazer poesia: *eu prefiro todas*. E esta edição reúne várias escolas literárias, cada autor/a flertando, à sua maneira, com seu estilo de escrita.

O poeta-músico Caetano Veloso também fez uma brilhante elaboração em *Língua* (1984): “E sei que a poesia está para a prosa/ assim como o amor está para a amizade/ E quem há de negar que esta lhe é superior?”

Curiosamente entre eles, dois poemas curtos gerados por procedimento semelhante. Eles funcionam como uma espécie de “versão remix” (tão em voga nestes tempos de “música de colagem”). “Stop.” (p. 32) e “beco sem saída” (p. 41) são apropriações que visam atualizar para a geração *smartphone* ícones do projeto modernista da primeira metade do século 20, ao emular Drummond & Bandeira da década de 1930. Os mestres e suas sacadas.

“Efígie de Nácar” (p. 30) se estrutura sob o desfile de uma bela coleção de adjetivos e um exercício vocabular articulado de termos arcaicos. Poesia pode ser isso também — o nefelibata e sua caixa de coisas belas e antigas. Faça um teste: tente falar em voz alta o poema e sinta o efeito barroco provocado pelos contorcionismos na pronúncia das palavras.

A “*Ismália*”, de Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), dá o seu ar da graça em um *mash-up* com o mito de Narciso (p. 44).

Percorrendo as páginas desta nova edição, ainda acho que mesmo após as conquistas do livre trânsito entre literatura e a música popular brasileira e o rock nacional nas décadas de 1970-90, e as aproximações do erudito e do coloquial de seus poetas como Waly Salomão, P. Leminski, Cacaso, Arnaldo Antunes, Cazuzza, J. Miguel Wisnik e outros, muito pouco se reflita nas páginas deste “poeta” da vez. Mas está valendo a reunião.

Arrisco um poemem retomando a ideia que abriu este texto:

*O poeta intercepta
uma seta escrita à tinta
na textura da folha espessa.*

*De perto, revela-se somente
um pequeno inseto que rasteja.
“Penal!” Não era uma letra impressa.*

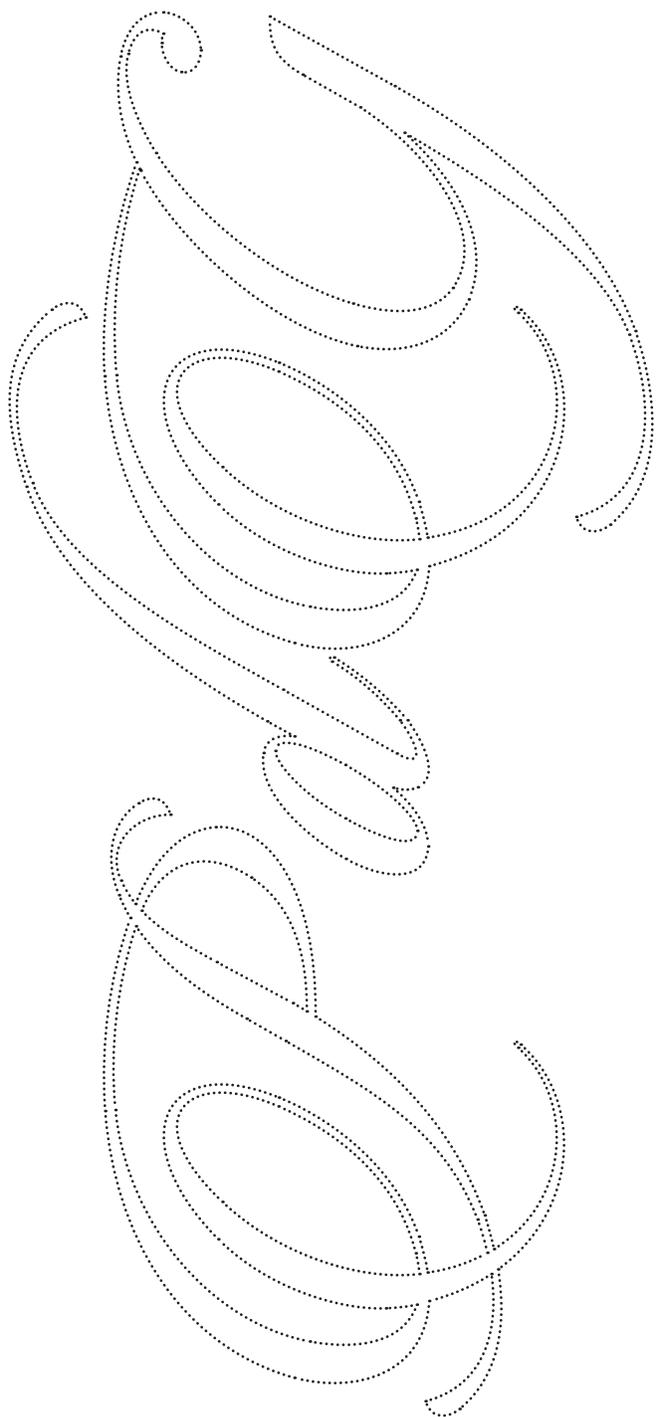
R.S

Valnei Andrade é poeta e designer gráfico. Tem cinco livros de poesia editados. Na área de Ação Cultural, já atuou em centros culturais na programação e produção de eventos artísticos.

Sumário

- 14 — Progressão literária B. FRANCHINI
- 14 — , do eterno problema da linguagem... B. FRANCHINI
- 15 — Amor MONYQUE S. REIS
- 16 — Momento VICTOR F. DE PAIVA
- 17 — A criação em 7 atos GABRIEL SCHINCARIOL CAVALCANTE
- 21 — Mais uma noite em claro N. F. V.
- 22 — A Louca THAIS RIOS LUZ
- 24 — Campo dos sonhos OTÁVIO FARINELLI
- 26 — Como o vento LUIS F. C. RIBEIRO
- 27 — Cupido moderninho LUIS F. C. RIBEIRO
- 28 — D’Cobrir BETTO SOUZA
- 29 — Sentido MARIA JÚLIA PEREIRA
- 30 — Efégie de nácar MARIANE L. LUZ
- 32 — Stop. MARIANA GOMES VICENTE
- 33 — E eu me rasgo em palavras RAISSA ALMEIDA
- 35 — Hi-fi CaWal
- 36 — Cinzas de um poema JESIMAR DA SILVA ARANTES
- 37 — Gentis olhares MatSuzu
- 38 — Desejo de Natal VICTOR FONTANEZI
- 39 — Vou te explicar, amigo OTÁVIO TEDESCO
- 41 — Beco sem saída YURI M. RODELLA
- 42 — Se... JOSÉ BARBOSA
- 43 — Pênalti LUCAS JOSÉ SOFIATI
- 44 — Narciso em Ismália MARCOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA JÚNIOR
- 45 — Suas manhãs CAROL GIMENES

- 47 — Recomeço DIOGO BOËCHAT DE MORAES
- 48 — Amoras DIOGO BOËCHAT DE MORAES
- 50 — O quarto no topo do mundo DIOGO BOËCHAT DE MORAES
- 53 — O vício de Aderbal DANIEL MESQUITA DE MORAES
- 56 — A primeira morte JORDAN FARES SAMPAR
- 58 — Diálogo do perdão MARIANA GOMES VICENTE
- 59 — Lição de casa GABRIEL MENDELEH
- 61 — Prólogo LEONARDO CASTRO
- 65 — Amor e simplicidade LUCAS JOSÉ SOFIATI
- 66 — Crônicas do cotidiano – Uma máquina de escrever
no século 21 JORGE LUIS BAZAN
- 68 — 7 a 1 GUILHERME GANDOLFI
- 71 — Quando param os sinos de vento FABIO MOURA CAVALCANTE
- #
- 78 — 31 AUTORES



Progressão literária

era uma vez
um haikai
que virou romance



*, do eterno problema da linguagem
que, apesar de tão complexo, eu
exprimi em um haikai*

queria fazer poesia
pobre de mim
tenho a pena, mas não tenho o nanquim

Amor

O sabor amargo dos fardos, da poesia e concessão
Dos disparates diários e decepção
Me fizeram desacreditar
Em algo tão belo
Que antes não raro
Vinha do coração.

Momento

Se escurece o espaço, que escuro já é,
abre caminho *de e da* mente ao mundo das ideias,
mundo borboleta, mundo silhueta,
que caminha e anda só
nos pátios de tua infância.
Consegue ainda o tempo entre a lua
e o clarão da existência, orvalho
que molha, molhando a manhã,
o escárnio batendo à porta,
o *nãoseicomo* do café queimando.

A criação em 7 atos

I

Um dia estava o pai,
a mãe, irmã,
também uma cadelinha,
todos à beira da piscina
e eu, em silêncio,
vendo tudo, pequeno.

II

Outro dia,
eram dois com o pai,
cinco com a mãe,
com a irmã, a cadelinha,
o mundo dividido ao meio
ou quase ao meio,
e eu, em silêncio,
vendo, vivendo, lá e cá.

III

O pai foi para longe,
eram sete dias de mãe,
de irmã, sem a cadelinha

que não aguentou as separações,
da casa cada vez mais vazia
em que eu, em silêncio,
via, ouvia, pensava:
qual o próximo?

IV

Voltou para perto, o pai:
para dentro de mim e,
em mim, descansou o meu velho,
calado pela imortalidade,
calou meu silêncio sem chorar,
silêncio agora distante:
fui eu, o próximo, deixando
a mãe, a irmã
com o novo cãozinho em casa;
de longe, pensava:
falta.

V

A irmã trouxe boas-novas:
virou mãe, também,
agora sua filha,
a menina dos meus olhos,
acalma;
mudou a ordem de tudo:

vó, mãe, tio, menina —
e o cãozinho,
e eu, bem longe, pensava:
que graça.

VI

Tornei a casa da mãe — avó —
cheia de gente, memórias,
vazia de Tempo;
beije sua testa,
aninhei sua neta,
sorri para minha irmã
abraçei meu cão e, satisfeito,
mais uma vez parti.

VII

Estou longe, de novo,
em silêncio — sempre — vendo;
lembrando do pai, da mãe, da irmã
e da cadelinha,
todos à beira da piscina,
Tempo que só não passa aqui,
no meu peito
que hoje, descansa.
Lá, a menina vê o pai,
a mãe e o cãozinho,

todos à beira da piscina;
calo meu canto,
descanso,
enquanto ela, pequena,
admira com encanto
o Ato Primeiro.

I.

Mais uma noite em claro

Mais uma noite em claro
Saíam, versos magros!
Me expliquem a fortuna do Destino
E a do destino dos fatos
E também a Sua onisciência
Seu senso de ironia
E também Seu descaso
Para com a melancolia

Mais uma noite em claro
Mas não vou eu cantá-la
Pois onde há uma, há espaço para mais
E eu já estou exausto
De mais uma noite em claro

A Louca

Louca é ela,
a louca é bela.
Chega e nada sente,
olha ao redor,
nada vê,
se surpreende.
Fala sem rumo,
um jeito amargo,
com sabor de sumo.
Rebola nas frases,
descreve seu corpo.
Se acha gente,
desconfiada,
mulher se sente.
Ri dela mesma,
se acha ilesa.
Nada sabe,
nada enxerga,
nada entende,
se surpreende.
Pede mais um,
não sabe o que quer,
acha comum,
se acha mulher.

Faz o que pode,
pode pouco, admite,
quer o mundo,
mas não insiste,
resiste.

Quer um amor,
o que é o amor?

— se pergunta.

Respostas não vêm,
muito menos um alguém.

Pede outro gole,
se entrega à dor,
aumenta seu porre,
sente um fervor.

E, confusa,
aceita sem medo,
sem despeito,
o que sempre recusa:
a dor de poder,
um amor, um dia ter,
viver.

Campo dos sonhos

Uma segunda em um parque
De árvores pontuadas
E gramados pincelado.
Sorrisos abrem e olhos brilham,
Olhares se trocam, um beijo é dado.

Uma quarta caindo no vazio.
A escuridão à volta,
A solidão abraçada.
De cabeça caio no chão
Mas o chão não existe.
Desesperado é o coração.

Na sexta um mar calmo,
Tranquilas as ondas poucas
E transparentes as águas-vivas.
Uma virada e tudo se transforma,
Uma enorme onda vem.
Afogado em desamparo.

Domingo sem sorriso não é domingo.
Agora um campo florido:
Margaridas, rosas, tulipas;
Em cima, um mar limpo,

Ao fundo, o entardecer,
Lá dentro a companhia é calorosa.

Para aqueles que só lhes restam esperar
E que de nada a acontecer esperam,
Deixo o meu abraço
Que de alguém uma hora ganho
Quando me ponho a sonhar.

Como o vento

Pode o vento e amor serem iguais?
Sendo muito calmo e paciente
e continuando leve e contente,
o sentimento que é quente? Jamais?

Pode sim, se no coração a gente
mesmo quando sente, aquilo de repente,
um soluço estridente e depois ainda mente
dizendo, repetidamente, que aquilo *não é amor*.

Por que então não falar que *não é amar*,
um vento bobo que quer ventar e balançar
e agitar o coração até ele mudar de lugar?

E como faço o vento parar de ventar?
Ou faço alguém que ama parar?
O vento para o amor. O amor para o vento.

Cupido moderninho

Cansado do arco e flecha antigo,
ele querendo arsenal potente
encontrou fácil em um artigo
e foi armar-se até o dente.

Estreando o novo equipamento,
mirando com certa perfeição,
disparou para acertar a emoção.
Errou! Acertou o pensamento.

Com o tiro do cupido desastrado,
miolos se espalharam pelo chão
e o homem perdeu domínio da razão.

Imperícia ou equipamento estragado,
o homem passou a ser um bobalhão
como se lhe acertassem o coração.

D'cobrir

Se tá frio, a gente se cobre
Tá calor, aí descobre

*O sentimento não se cobre
Sentimento se descobre*

Para esconder, a gente cobre
Se não aguentar, aí descobre

*O sentimento não se cobre
Sentimento se descobre*

Que infinitamente a gente se cobre
sem perder a vontade, a gente descobre

*O sentimento não se cobre
Sentimento se descobre*

Que nosso amor seja conduzido
[como eletricidade no cobre
que forme o símbolo do infinito
[e nunca desdobre...

Sentido

O que me orienta
Não é medo nem mágoa
O que me orienta
Não é mão que afaga
O que orienta
Não é bússola
Nem astro,
Mas a prova possível
De um tênue laço
Que se estabeleceu.
O que me (des)orienta
É percurso traçado
É o que dizem destino,
Fatalidade!
Fatal idade.

Efígie de nácar

Inopina, esvaecida lucerna em venusta almenara;

cálida, velutínea; quando astúcia mascara a natura do fulgor.

Se as matizes do ocase esmaltam tão alvas quanto açucenas do vergel
e, opalinas, remontam nacaradas a doçura do albor,

aventes que o escarlata fulguroso é soberano neste céu,
que o crepúsculo, ardiloso, vestido de tal pulcro,

ainda é o núncio silente do augúrio sepulcro.

Tão lilácea adamacada rosa em relva serena.

Como a delicada essência da sutil verbena, o doce bálsamo de anis.

A trova do vassalo é amena, a doçura loquaz;

tenaz, a lascívia profana, a insídia da flama, as faces febris.

Rasteja lodosa sob a relva da bela rosa, a serpe mordaz.

E, na ânfora divina, da glória sequaz, o vermute é fatal;
e, o anis pode ser amaro, e o herege mais venial.

Não sabes acorrentar o instinto visceral, meu soberbo cavalheiro.
Amofinar não podes o sangue ominoso em casulos gloriosos.

Ainda que teus eflúvios de fera sejam idílios afáveis;
ainda que tuas mãos amaras mostrem feitos generosos;
e que exale almíscar dos teus lábios, e os olhos tão amáveis,
a perfídia insalubre, lama víperina, revela a pele do selvagem;
o nefando é engenhoso, um artista do sofisma; um mestre da imagem.

Candura de menina, encanto de malva, aragem de aljôfar.

O ósculo maldito, no peito que sente, é graça inefável;
escumas sombrias, nefandas e frias, são mais virginais no amor pueril;
e, senil, a razão vigorosa caiu — sequiosa — no delírio imutável.
Vendaval palrador, irascível; o adágio pastoril...

Maestro da tormenta, da sede virulenta, leme da barca na amargura;
teimosa, a esperança violenta, sufocada na tormenta, não desiste da ventura.

MARIANE L. LUZ

~~ou seja, não~~

Stop.

A vida parou

~~ou seja, não~~

ou foi só a internet que caiu?

MARIANA GOMES VICENTE

E eu me rasgo em palavras

E eu me rasgo em palavras
sonoras, sutis, macabras.
Aflições que nunca acabam
e não querem sair.

Cabeça explode, alucina,
visões tais que contamina,
fonemas nus por sair
sem ninguém pra me ouvir.

Eu preciso de um jeito
de ter prática e manejo
pr'esse ritmo gerir,
cabeça afora fluir.

Flores levem-me embora,
tudo passa, nada melhora.
Deste mundo de horrores
agora quero sair.

Ah, tique-taque em demora,
tenho pressa, vem! Olha
nestes tristes que imploram
deste mundo partir.

E eu me rasgo em palavras.

Ah, tique-taque e demora,
tenho pressa, vem! Consola
estes que ainda crianças
muito anseiam por ti.

Tique-taque...

E eu me rasgo em palavras.

Entre seus estalos. • Ai! doce vitrola! •
hi
~
fi
• Perfeitas recordações •

Cinzas de um poema

De um poema ainda que queimado
sempre restarão cinzas.

De um ato ainda que impensado
sempre haverá consequências.

De um poema ainda que inacabado
sempre haverá melodias.

De um poema ainda que cantado
sempre haverá lembranças.

De uma guerra ainda que acabada
sempre haverá vestígios.

De uma rosa mesmo que bem tratada
sempre haverá espinhos.

De um poema ainda que inacabado,
ainda que cantado, ainda que queimado
haverá melodias, lembranças e cinzas.

Estas cinzas, lembranças e melodias
são vestígios de que um dia...

... de que um dia, houve uma poesia.

Agentis olhares
Se mostra a real beleza
Lá, estava sempre

Desejo de Natal

Neste fim de ano,
Você foi meu pedido de Natal,
Mas acho que aquele velho barbudo
não vai com a minha cara!
Pedi *you*,
Me trouxe *saudade*.
Será que ele não sabe que de *saudade*, eu tô cheio?
Já tenho de monte,
Tenho até alguns números que nem me servem,
alguns grandes,
outros que já ficaram pequenos.
Mas eu guardo — claro que guardo! —
(Não dá para trocar mesmo, né?)
Quem sabe algum dia eu uso!
Vão me perguntar: “tem *saudade* aí?”
Vou responder: “Claro, pega o tanto que quiser!
Ah, pode ficar com o troco”.
Enquanto isso eu espero...
Quem sabe não tenho mais sorte na Páscoa...

Vou te explicar, amigo

As melhores histórias dependem
dos melhores ouvintes,
assim como as grandes frases
só surgem de quem agiu,
palavras são complementares.

De repente descobri que símbolos
são atalhos para longos caminhos
que a vida leva, mas a lugares
tais símbolos não vão levar.

Afinal, são as pessoas que nos
emprestam suas palavras e seus templos,
basílicas onde nos apresentam o vento
e o porquê de continuar sem ter explicação.

Pois eis as palavras e sua função:
explicar para os surdos o porquê
de não haver nenhuma explicação
entre o momento de início
e do fim do bater do coração,
onde no meio da andança
se foi humano, se foi criança
se cresceu adulto em adolescente esperança
e para suportar-se foi adulterado,

mas não é para isso,
é para não haver explicação
e mesmo assim haja um momento
onde se unam as mãos
onde se acredite no que não há solução
e que nos ancoremos somente ao que for vento
sem tempo de ser ambição
e que cada sonho seja apenas pretensão
de ser para a sua própria vida
a sua própria explicação.

 beco *sem saída*

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?



— *Eu ainda não vejo 1000 likes!*

YURI M. RODELLA

se... a noite se...

 a
 noite
se
 nota

 e
denota

 a
 noite
 tá no note
note a noite
 a morte

se...

 nota
 morte

no note
se nota

 a nota
de morte
de noite

se ...

de nota
 denota
 nota

de noite
 a morte

se nota
 a noite

se...

JOSÉ BARBOSA

Pênalti

Na marca da cal, o jogo do amor terminaria
Pressionado por não poder errar
A camisa do Apaixonado F. C. eu vestia
Para cobrar o pênalti e comemorar
Foram instantes de tensão me preparando
A alguns metros diante de mim, ela estava na meta
Balançando, insinuante, me desconcentrou
Apontou para um lado e fui na sua
Dei um chute seco à meia altura
E ansioso pelo desfecho aguardei
Instantes agudos de expectativa
O mundo parou, mas a bola girava
Somente aquele momento importava
Eu quis balançar a rede de sua alma
Para correr pro abraço com o “SIM”
Feito um grito extravagante de gol
Que alivia e explode a torcida
Mas a cobrança impediu meu devaneio
Ela rebateu meu amor pra escanteio
E toda esperança de vencer a partida
Acabou-se com o apito final:
Fiquei derrotado, na marca da cal.

Narciso em Ismália

Antes mesmo do delírio
Ismália de frente ao espelho
Via duas imagens —
A si mesma e outra refletida

Não tinham muitas diferenças
Ambas se perdiam fácil em devaneio
Eram de beleza próxima
Não esperavam muito do mundo

Ismália ensimesmada
Era viva, mas pouco vivia
Ismália refletida
Não era viva, porém fingia viver

Inconformada,
Foi de encontro ao espelho
Queria viver o virtual
Queria vivenciar a vida

O espelho em pedaços fica
Ismália refletida morre
A real desespera-se
Vai até a torre
E começa a sonhar...

Suas manhãs

O silêncio que podia fazer, fazia. Observava-o dormir como num sono de anjos e, de olhos fechados, ainda via seu brilho nos olhos. Entregava-se àquela sensação sutil de admiração e carinho — e sentia bem baixinho para não acordá-lo. Gostava de ser sua menina pequena, de caber no seu abraço apertado e de ter as tardes de domingo tão ocupadas de amor. Ainda era bem cedo, nem sol tinha, só um friozinho rosa bem doce. Por mais que se esforçasse em seu silêncio, a música em seu peito insistia em acompanhar seus sonhos.

Adormecia em seu barquinho e, enquanto sonhava, dizia que nos olhos dele havia um oceano de gaiolas abertas, afogando-a na liberdade de amar. Sentia arrepios em todas as penas de suas asas, se despia diante de portas abertas em todos os cantos do olhar, no meio das nuvens, no horizonte do mar. Gostava de ter recitadas as paisagens de cor no meio das suas valsas preferidas, da poesia daquele cabelo macio e bonito. A voz dele então lhe dizia:

— Bom dia, pequena — namorando-a em sorrisos.

Levantou-se para fazer café naquele dia e se deu conta que não acordava mais sozinha, que preparava duas canecas. O sol estava realmente mais aconchegante naquela manhã, fazendo o que a primavera faz com as flores. Toda noite era boa noite, já que ele estava

ao seu lado. Flagrava-se voando baixo sem pôr os pés no chão. O café fervia sozinho, os passarinhos cantavam do avesso e a lua brilhava de dia. As duas canecas já eram doces e cheias de mimos, os lençóis já encobriam os flagrantes e malícias. Piscou uma, duas vezes e voltou para a cama, só para ter a certeza de que não era uma paixão numa redoma. Deitou-se então, em seu peito para continuar sonhando...

Recomeço

Decidiu se mudar. Cansou-se do apartamento, das paredes, dos cômodos. Cansou-se do que via pela janela todos os dias ao se levantar e deitar. Na hora do almoço, do café e quando se sentava para ver televisão. Cansou-se. Decidiu se mudar, mas não levou malas. Não havia nada que queria levar consigo do antes. Deixou para trás os cheiros, as cores, os momentos e lembranças. Encaixotou os livros e tirou as roupas dos cabides. Tirou das paredes os quadros e fotos, arrancou as cortinas, tirou os móveis do lugar. Decidiu se mudar. Trancou as portas, apagou as luzes. Guardou a louça, talheres, copos, taças. Esvaziou a geladeira. Os travesseiros ficaram. Também as almofadas e a roupa de cama. Decidiu se mudar. Vestiu o casaco, as botas, as luvas, enrolou o cachecol. Não olhou para trás. Decidiu se mudar. Não levou documentos, nem passagens, nem nome. Saiu pela porta da frente e estava em casa.

Amoras

Enquanto ele se emaranhava pelos galhos mais finos da copa, selecionando a dedo as frutas mais bonitas, ela ficava do chão, cobrindo os olhos com uma mão e apontando com a outra para orientá-lo.

“Tem uma logo ali!”

Com a mão cheia de amoras e manchas vermelhas, ele a estendia para que ela pudesse pegá-las lá de baixo, enquanto se agarrava com a outra mão a um galho mais grosso.

“As mais escuras são sempre as mais doces!”, ela dizia com um sorriso de menina. A boca corada de vermelho escuro ressaltava o sorriso e dava um tom infantil à cena.

Com um salto ele descia da árvore e se sentava no chão de terra ao lado das raízes, as costas escoradas no tronco retorcido. Suas mãos estavam completamente manchadas de suco de amora. Carinhosamente ela se sentava ao seu lado e deitava a cabeça em seu peito enquanto saboreava as últimas frutas. Uma leve brisa soprava levantando seus cabelos e puxando em suas roupas. De olhos fechados ela aproveitava o soprar em seu rosto com um sorriso de satisfação. Junto ao vento vinha um cheiro de terra molhada da chuva que caíra na noite anterior. No longe um pássaro ou outro cantava docemente e misturava seu canto ao da água do córrego que por ali passava. Seguindo por ele se chegava

em uma cachoeira, na qual costumavam ir nos dias mais quentes. Mesmo ali, ao pé da árvore, podia-se ver o leito do córrego e os seixos a rolar com a corrente cristalina. Enquanto estavam ali, sentados, o tempo podia correr livremente sem que percebessem. Passavam-se anos enquanto eles nada faziam além de deixar o vento bater em seus rostos e ouvir o farfalhar das folhas. E quando o sol se punha no horizonte, tingindo o firmamento de um carmesim resplandecente, se podia ver bem ao longe, quase no fim do rastro, as primeiras luzes se acendendo para dar as boas-vindas à noite. Não havia distúrbio em tal perfeição, além do silêncio, quebrado ocasionalmente pelos pássaros e pelo barulho da água. Para eles, a vida poderia ser para sempre daquela forma, aconchegados um ao outro, sentados ao pé da amoreira. Sem nunca se importar ao manchar as roupas de vermelho, e os rostos de sorrisos...

O quarto no topo do mundo

Ao longe, no sombrio oeste, onde a vista se perdia no horizonte em forte contraste ciano-rubro, se destacavam as escuras copas dos olmos e cedros de uma antiga floresta. Ali, em silêncio inerte, as sombras cantavam e dançavam por entre os troncos negros, pelas folhas mais altas, entoando sua canção sussurrante, sombria, inaudível. Hora ou outra se ouvia o crocitar de um corvo, quebrando o silêncio da canção. De entre as árvores, irrompia em pedra fria e recortada, como em vigília, a parede sólida de uma montanha. Como uma mãe, ao abraçar seus filhos, mantinha seus olhos protetores fixamente repousados sobre toda a vasta extensão que a rodeava, ao observar tudo de forma imponente de sua posição superior. E logo ali, nas encostas do pico mais alto dessa montanha, mais alto que os pássaros voam, mais alto até mesmo, que as nuvens, que dali pareciam um etéreo tapete branco, ali, no topo de todo o mundo, foi onde decidiu montar seu quarto.

“Quarto” era apenas forma de dizer. Não havia paredes, nem teto. Não havia por que. Não chovia acima da cortina de nuvens, e o sol, mesmo nas épocas mais quentes, era confrontado com o vento fresco que sopra do sul, tornando o clima ali sempre ameno e agradável. O resto do quarto era simples: uma poltrona de couro, com apoio para os pés bem no centro do cômodo imaginário, uma armação com três pés estreitos

se entrelaçando, sustentando um tampo de vidro redondo, uma mesa para repousar os óculos e o velho cachimbo queimado nas bordas, um grande tapete felpudo para nunca encostar os pés descalços no chão frio de rocha nua e um poleiro de madeira para seu corvo. E só. Não precisava de mais nada. Apenas o crocitar de seu corvo, o longínquo farfalhar da folhagem dos cedros, o distante tilintar da água a correr em um riacho e a calada canção da floresta ao pé da montanha lhe faziam companhia. No canto da sala queimava um incenso, espalhando notas de almíscar pelo ar montanhês e se misturando ao forte cheiro do fumo do cachimbo. Simplório, mas muito aconchegante. Ali, sentado em sua poltrona, podia ver tudo e todos, não importava a distância.

Gostava de apreciar o comum, o trivial. O cotidiano o fascinava e envolvia toda a sua atenção. Passava horas o assistindo, até que um súbito e faminto grasnado o rasgava de suas observações para atirar um punhado de grãos e farelos ao animal. Dava umas tragadas no cachimbo, soprava uma nuvem de fumaça para cima e voltava então a fitar as ocupações tediosas de cada um. Assistia carros e multidões, crianças tomando sorvete, água caindo de uma torneira, um pescador frustrando-se, porcos na lama. Ocasionalmente algo chamava a sua atenção. Por vezes uma risada muito sincera, ou um choro muito amargo. Por vezes até mesmo um silêncio muito longo. De seu trono olhava gigantesca para baixo. Se incomodava com as brigas desnecessárias (que ao seu ver eram todas, pois tudo era tão passageiro, volátil, volúvel, fatalmente destinado ao oblívio). Não via propósito naquelas vorazes discussões, nem nos bombardeios de emoções pesadas para diminuir propositalmente a existência de algo que, a princípio, já era tão pequeno. Quando chovia, começava a rir. Até largava seu cachimbo por uns instantes e assoviava para que a ave se juntasse a ele para contemplar o espetáculo. Aos seus

olhos era como se tudo estivesse sendo lavado abaixo de seus pés. Como um grande balde de água fria, acordando tudo o que ainda não estava desperto. “Um banho para todo o mundo”, brincava.

O ponto alto de sua vigília, no entanto, era quando as ceifeiras desabrochavam no final do inverno. Por dias a fio ficava estarecido, como pedra a fitar a dança carmesim das pétalas róseas. Até que, ao final do espetáculo da natureza, limpava as lágrimas que se juntavam ao longo dos dias, enchia o cachimbo novamente e voltava a fumá-lo.

E dessa forma passava seu tempo, alimentando seu corvo e vendo o mundo ser mundo, desde que ele o era, sem nunca se cansar da mesmice, sem pestanejar, sem deixar de dar o devido valor a cada instante e gesto, por menor que fosse. Enquanto, mesmo sem saber, todos aos seus pés lhe faziam reverência.

O vício de Aderbal

Espreguiçando-se na cadeira, Aderbal contemplou mais uma vez a vizinhança: aquela fauna ruidosa, habitando apartamentos semelhantes, em prédios coloridos e feios. De sua sacada, tinha a visão de três edifícios. A diversidade de pessoas e seus comportamentos, manias, rotinas; tudo isso o atraía, em uma compulsão louca de *voyeur*, fazendo-o, religiosamente, todos os dias da semana, refestelar-se na sua cadeira, estrategicamente posicionado na sacada, ao abrigo do sol ou da chuva.

Viu o guri adolescente que chegava da aula e ia direto para o computador, no 5º andar do prédio feioso da esquerda. Sempre chegava, jogava a mochila na cama, chutava os tênis para o alto, tirava a camiseta e se afundava na frente do *desktop* para jogar e acessar a Internet, a carinha animada às vezes denotando o acesso a algum conteúdo impróprio para a sua idade. A irmã do garoto, linda loirinha dos seus vinte e poucos anos, aparecia com alguma amiguinha nova todo sábado à noite, saindo para as baladinhas e voltando sabe-se lá a que horas.

Da esquina de baixo, vinha o barulho dos moleques que ouviam som alto — canções sem harmonia, com letra ruim —, em seus carros *tunados*, bebendo e fazendo algazarra, reunidos na porta da padaria e pouco se importando com a creche que ficava do outro lado da calçada. Lembrou-se então do malandro

casado, morador do 503 de seu prédio, que saía escondido da mulher para encontrar a amante, uns dez anos mais nova, nessa panificadora. Ainda não o tinha visto hoje. A mulher dele, cândida e submissa, nem desconfiava que, a menos de 100 metros, era preterida por uma jovem bonita e certamente mais “dinâmica”. Dinâmica e bonita, pensou, era também a mocinha da loja de conveniências no prédio da esquerda, o mesmo do guri *gamer*. O namorado fortão vinha buscá-la sempre em uma brilhante Harley e ela, apaixonada, sorria de orelha a orelha quando o protótipo de James Dean chegava.

E lá iam juntinhas, no pátio do edifício, as duas irmãs que moravam no 1403, com a sacolinha de ração para gatos, que distribuíam na calçada defronte ao prédio, em potinhos plásticos. Nada tinha contra as velhinhas, mas ficava irritado com atitudes assim, inocentes e irresponsáveis, que favoreciam o crescimento da população de gatos, já tão expressiva e incômoda.

Sentiu a “marola” que vinha do andar de cima, em que moravam dois rapazes com seus pais. Chegando da faculdade antes dos pais, aproveitavam o tempo para fumarem e ouvirem música, no curto intervalo que tinham. E chegando ao prédio, atravessando a portaria, viu a morena do 3º andar, sempre linda, chegando da rua com seus livros e seu sorriso gostoso. Daria qualquer coisa para encontrá-la ao acaso, puxar conversa, conhecê-la. Mas como, se ele passava os dias à toa, em sua sacada-escritório, sentindo-se o Grande Irmão de Orwell?...

A senhorinha viúva do capitão do exército, que morava sozinha e era muito religiosa, estava chegando da igreja, com seu livro de capa preta nas mãos, o terço no pulso. Dois dedos de prosa com a morena. O que levava essa dona a passar o dia todo na igreja? Solidão? Necessidade de espiritualizar-se no final da vida?

Em todas as figuras que passavam por seus olhos e pensamento, Aderbal notava a busca do hábito, a predominância de um comportamento ou atitude, marcante e, ao mesmo tempo, diluída na massa que habitava aquele pedaço da cidade. As manias, as particularidades de cada um, seus vícios, suas vidas... E quanto a si? Será que não havia alguém que também o analisava, observava, julgava? Nunca tinha flagrado nenhum olhar bisbilhoteiro e nem o brilho de binóculo ou luneta apontado para seu apartamento. E se houvesse algum outro Aderbal a fazer juízo sobre a sua pessoa, o que teria para pensar? Nada! Considerava-se um cidadão tranquilo, que não prejudicava ninguém com sua pequena distração diária. Os outros, a quem observava, é que tinham vícios e hábitos estranhos. Foi então que compreendeu: seu vício e grande defeito era cuidar da vida alheia.

A primeira morte

J. era um cara bacana. Eu, ao menos, achava isso. Acordava praticamente todos os dias no mesmo horário. Corria na Rodrigo de Freitas quatro vezes por semana, sempre os alternando com as pedaladas no Leblon. Fazia a barba todos os dias, conferindo — ao aproximar o grosso rosto ao espelho — se restara pelo por pelo em seu rosto. Usava sempre barbeadores e espumas, bem como todos os outros produtos da sua vida, de marcas famosas. Dinheiro era algo para ser gasto, como ele exaustivamente dizia aos amigos. Comia banana com granola e mel no café da manhã e as três em ponto, no seu *time break*, tomava suco de acerola na cozinha do seu trabalho — uma empresa prestadora de consultoria a outras empresas — no alto do prédio, olhando para a avenida 13 de maio. Sempre mantinha um copo com água em sua mesa. Nenhum porta-retratos ou um copinho de café, como a maioria tinha ali. Entregava sempre os relatórios olhando para os olhos do seu patrão. Azul contra os verdes, deste. Falhou uma ou duas vezes, quando a sobrecarga era muita, em quatro anos e meio de emprego. Era assim com a sua vida pessoal também. Chegava em casa pontualmente às 19h38. Talvez pela articulada estratégia de jamais pegar as avenidas principais. Abria a porta e jogava, logo, a bolsa no sofá. Tirava a roupa no caminho sala-quarto, chegando neste somente de cueca. Arrumava as roupas todas dentro do cesto, que carre-

gava à lavanderia toda segunda-feira. Pagava muito pouco por isso. Entrava na suíte, abrindo a torneira do chuveiro e fechando o boxe. Encarava-se no espelho enxergando cada pelo que pertencia a seu peito, barriga e pernas. A pele ávida, parda. E depois entrava lá, se molhando. Morava sozinho desde que saiu de casa para estudar e este sozinho inclui a ausência de gatos, cachorros ou qualquer outro animal de estimação. Seus pais o visitaram apenas uma vez, quando a mãe precisou fazer um exame com um nível de complexidade maior — e que não vem ao caso aqui — na mesma universidade que J. estudou. Transava — talvez pelo fato de morar só — com certa rotina. Tinha sempre garotas (na época de faculdade) e mulheres (quando saiu dela) diferentes, mas não tão diferentes à sua faixa etária. Era seletivo no sexo. Apesar das cantadas, transava apenas com mulheres. Nunca permitiu que elas dormissem contigo, em sua cama. Nunca permitiu que elas o tocassem psicologicamente. Não temia a violência. Tinha seu carro. A sua vida. O seu jeito. Masturbava-se diariamente, às vezes na sala, no banheiro ou na frente do computador. Morava sozinho e cozinhava peixe sempre as quartas, comendo-o ao mesmo tempo em que assistia ao futebol. Não bebia cerveja. Não frequentava a igreja. Pagava os seus impostos corretamente e jamais reclamara deles. Apesar disso (e de assistir à televisão) não era domesticado por ela ou por qualquer outra ideologia que tentam nos pregar. Era praticamente um canário fora da gaiola. Exceto pela excessiva obsessão que tinha em pensar. Numa dessas viagens, acabou por ficar preso dentro de si próprio e, por si só, criou a dependência em morrer.

J. morria toda noite.

E, no dia seguinte, misteriosamente, lá estava ele outra vez.

Diálogo do perdão

— Ei, dona — perguntou o moleque bagunceiro para sua professora no meio de uma aula. — Cê sabe o que é o perdão?

— É claro que sei. Significa “desculpar, absolver alguém de algo”.

— E quem te disse isso?

— Tá escrito num dicionário.

— E daí?

— E daí que é isso o que significa.

— Mas aquilo só tá escrito em papel... Você já sentiu? Já perdoou alguém? Já fez dos seus pensamentos, palavras e conseguiu se resolver?

— Óbvio que sim. Sempre perdoou a todos! E você?

— Não sei...

— Não sabe se já perdoou?

— Não. Não sei se consigo perdoar quem criou palavras que a gente usa sem sentir.

Lição de casa

Leo era o mais alto da sua turma. Ele estudava em uma escola de pedagogia dita “alternativa”.

— Você acha que o que fez foi certo? — perguntou Rafael olhando bem nos seus olhos.

Rafael era o professor do menino, sujeito jovem que realmente acreditava no que fazia.

— Você acha que o que você fez com seu amigo foi certo? — insistiu Rafael diante do silêncio do garoto.

Leo havia aprendido com sua mãe que nunca deveria mentir e para ele parecia correto, já que era o maior da sala, usar de sua força para ter o que queria. E com um curto e natural “Sim” deu cabo da conversa.

— Então, Leo, vá para aquele canto pensar um pouco na sua resposta.

O garoto ficou confuso, haviam perguntado sua opinião e ele havia dado. E por sua sinceridade ganhou um castigo. Um castigo disfarçado, mas um castigo.

Enquanto ia para o canto pensava se havia uma resposta certa para a pergunta do seu professor. Se sim, por que Rafael perguntou sua opinião? Por que fingir interesse no que ele pensava se ele só iria aceitar um tipo de resposta? E por que acima de tudo ele não poderia refletir sobre tudo isso jogando bola?

Uma hora de futebol se passou enquanto Leo

ficava sentado em seu canto. E quando Rafael voltou, a cabeça de Leo estava em parafuso. Ele sabia que era errado mentir, mas também sabia exatamente a resposta que seu professor queria escutar.

— Então, meu amigo Leo, já pensou a respeito? — a voz de Rafael era amigável, porém não deixava de transparecer a autoridade ali presente. — Achou certo o que fez com seu colega?

As pernas do menino bambearam, o medo havia tomado conta dele. Tudo que havia aprendido nos seus curtos cinco anos de vida era que não poderia mentir, nunca em hipótese alguma, mas pra ele ainda não fazia sentido, já que a natureza lhe havia dado esse presente no tamanho não usá-lo em seu favor, muito pelo contrário o fato de não usar, aos seus pequenos olhos de garoto, parecia uma ingratidão ao presente recebido.

Depois de um breve momento de silêncio Leo olhou para o professor, as suas mãos suavam quando ele cerrou os olhos e disse em uma onda só, para não perder a coragem repentina:

— Pensei, professor. Estou arrependido do que fiz. Agora vejo que foi errado.

— Muito bem, Leo, pode ir jogar bola com as outras crianças.

Leo sorriu, acabara de aprender uma lição!

Prólogo

Foi antes do primeiro homem, antes da Guerra, quando o mundo era jovem.

Estavam as primas Ocelote e Tecolote discutindo, como sempre, quem era a melhor caçadora. A primeira sentada impaciente no chão, a segunda se empoleirando tranquilamente numa árvore.

— Minha prima — dizia a Ocelote —, eu reconheço que sua capacidade de voar é impressionante, mas certamente não pode se equiparar à minha força quando se trata de trazer um grande prêmio de volta da caçada. Você pode muito bem pegar um preá de surpresa ao cair da noite, mas eu já mais de uma vez jantei uma capivara inteira!

— De fato, jamais comi tamanha refeição — respondeu impassível a Tecolote. — Pois não cultivo o mau hábito de exibir minhas habilidades apenas por orgulho. Um rato-do-mato sempre me bastou para saciar minha fome, muito obrigada. Mas conheço todos os segredos do mundo, e, se preciso fosse, aposto que poderia ter em minhas garras até a maior presa da selva.

— Aposto aceita! — retrucou ofendida a Ocelote. — A maior presa da selva é a Mazama, mas ela é tão grande que nós duas juntas não conseguiríamos derrotá-la, mesmo se a aprisionássemos dentro de uma arapuca. Quero ver como planeja capturá-la!

— Tudo a seu tempo. Conheço a Mazama, sei que é sentimental, e portanto sei que me custará até a próxima lua nova para completar minha caçada. Siga-me!

E alçou voo por cima das árvores até o vale onde morava a Mazama, sempre com a Ocelote em seu encalço, correndo e tropeçando entre os ramos rasteiros. Finalmente pousou sobre um galho seco acima do ponto do rio onde a Mazama tomava água e dirigiu a palavra à presa:

— Com licença, Dona Mazama, a senhora por acaso teria algumas folhas de papel em branco para me emprestar? Estava pensando em escrever alguns versos.

— Sim, tenho — respondeu a Mazama sem dar muita atenção. — Tenho bastante devido ao meu ofício. Vai precisar de tinta também, suponho?

— Não, não será necessário. Pretendo escrever com minhas lágrimas. O que preciso exteriorizar vem do fundo de minha alma, e só dessa forma poderei expor com autenticidade meus sentimentos.

— Com suas lágrimas? Já escrevi vários poemas, mas nunca desse jeito. E creio que ficaram autênticos o suficiente, não acha?

— Receio que ainda não tenha tido o prazer de escutar seus versos sendo recitados — disse satisfeita a Tecolote. — Que tal nos reunirmos amanhã e compartilharmos nossos escritos? Mas, para ser justa comigo, pois só terei um dia para escrever o que tenho no âmago, traga algo que tenha escrito também nesse período.

No dia seguinte a Tecolote, seguida pela atenta Ocelote, voltou ao encontro da Mazama que já as esperava à beira do rio para o sarau. Depois de as duas terem lido, a Tecolote elogiou a habilidade da Mazama:

— Envergonho-me do que escrevi depois de escutar suas lindas palavras. Gostaria de reescrever meu poema com ainda mais lágrimas, para que ele carregue ainda mais da minha alma. Que tal se fizéssemos isso de novo amanhã? Creio que tenho muito o que aprender com a senhora.

A cena repetiu-se por vários dias, com os poemas tornando-se cada vez mais intensos, os elogios tecidos pela Tecolote ainda mais exagerados, e a Mazama cada vez mais magra e pálida. No dia da lua nova, por fim, assim que pronunciou a última sílaba de sua obra-prima, a Mazama tombou de lado, morta.

A Ocelote correu a seu lado, farejou-a para certificar-se do óbito e olhou espantada de volta para a Tecolote.

— Que tipo de feitiço é esse? Você a matou só com palavras? Eram fórmulas mágicas? Estavam encantadas?

— Não — respondeu a Tecolote. — Eu a matei de orgulho. Veja, a Mazama não poderia aceitar que eu a superasse fazendo versos mais autênticos do que os dela. Por isso, ela tem escrito tudo o que nos leu até agora com o único material que poderia ser mais próximo de sua alma do que minhas lágrimas: seu próprio sangue.

[*postscriptum*]

Perdida a aposta, a Ocelote afastou-se, de cabeça baixa.

— O que me perturba é que essa derrota é apenas devido à ignorância da diferença entre alma e coração.

Sua prima Tecolote, porém, nunca aceitava não ter a última palavra.

— Não sei se de verdade a derrotei. Estes versos são os mais belos que já vi, acho que todos ganhamos por eles terem sido trazidos à luz. Já começo a crer que a Mazama estava correta: a única maneira de se escrever é com o próprio sangue.

Amor e simplicidade

De frente ao vapor d'água que emana da panela, a mãe experimenta o sal da comida. O arroz cozinha sobre o fogão em que ela, quase sexagenária, debruçou-se por toda a vida para alimentar sua família. A comida foi sempre simples: arroz, feijão, legumes e verduras muitas vezes cultivados por ela mesma nas suas hortas. Às vezes havia carne de porco ou galinha, também sob seus cuidados. Nunca faltou amor naquelas receitas e até hoje não há prato que substitua sua abobrinha com farinha, ou molho de ovo, ou o próprio arroz, que agora cozinha novamente, dando a ela um leve contraste atrás dos vapores divinos que me procuram pela casa.

O pai, também tomado pelo cheiro, vai à cozinha, ansioso, levantando-se do banquinho onde organizava seus anzóis e varas de pesca. Já se aproximando dos setenta pode ter o prazer de descansar de tantos sóis que carregou sobre os ombros, dando enxadadas na terra para prover alimento e tudo o mais para sua esposa e filhos.

Quando o fogo apaga, ambos sentam-se à mesa. Eu os contemplo e depois me aproximo. O jantar fumegante nos aquece do frio que rodeia a casa e torna-se uma ceia natalina, só por ser em família. Enquanto chove, pai, mãe e filho jantam ao redor daquela mesa. Ali não alimento apenas o corpo, mas também a alma. Agradeço a Deus pela comida e por aqueles dois: pai e mãe — amor e simplicidade.

Crônicas do cotidiano — Uma máquina de escrever no século 21?

Faço parte de uma geração que pode ver o final triste das máquinas de escrever sendo substituídas pelos teclados dos computadores, dos *notebooks*, dos *tablets*, dos televisores e celulares inteligentes. De teclados mecânicos, ruidosos e rígidos até os teclados virtuais, silenciosos, versáteis e multilíngues.

Hoje, encantado pela mágica dos *gadgets* e seus teclados, desfruto escrevendo sentado num sofá no meu *notebook*, ou ainda do meu *tablet* que me permite controlar músicas e vídeos no YouTube, aos quais assisto no meu televisor inteligente. Isto certamente deve ser um prazer equiparável a várias dessas grandes narrações dos escritores sentados na frente de sua máquina de escrever no século passado.

Esta sensação, pensando, pesquisando, escrevendo, onde tanto escuto como assisto ao clipe da música que escolho como característica de meu estado do momento, é uma sensação difícil de descrever. Estender-se por isso é parte de outro escrito.

Sentar-se para escrever, então, entre teclados digitais e virtuais, é semelhante talvez a sensação de um escritor iniciante, sentado numa pequena mesa e com sua máquina de escrever no século passado. Assim, nestes momentos, lembro de minha visita à casa do escritor Federico García Lorca, em Granada — Es-

panha, e o espaço de destaque da máquina de escrever do escritor morto pela intolerância. Imagino então, que em um possível museu da casa de um escritor do século 21, não haverá espaço para uma companheira deste tipo. E logo, não custa imaginar que, em poucos anos, não teremos teclado. Algo com o qual já convivemos atualmente, e que os mais jovens terão como parte de suas lembranças do futuro.

7 a 1

Seu celular tocou e ele se levantou com um sorriso cansado. Aquele seria um bom dia. Tomou aquela efusão quase transparente que sua mãe chamava de café; comeu um pedaço de pão com margarina, junto de seu padrasto. Seus meio-irmãos ainda dormiam, aquele dia nenhum deles teria aula por conta do torneio de futebol, mas ele não perderia tempo na cama. A juventude é preciosa e ele sabia disso.

Começou a trabalhar cedo. Quando sua mãe se casou pela segunda vez é que pôde voltar a ser apenas um estudante. Estava no último ano do ensino médio e a faculdade era apenas uma ideia distante, coisa de *playboy*. Então devia aproveitar bem seu último ano de “vida mole”, como falava seu novo pai — na verdade, o único pai que conheceu.

Despediu-se do casal que desceu a ladeira rumo aos seus empregos no centro. Depois de cuidar de suas tarefas em casa, enquanto os outros dois meninos se levantavam, almoçou os restos do jantar, comeu na frente, pois as doze a sobremesa seria servida pela polícia, não que sua mãe soubesse, é claro.

Vestiu-se de vermelho, a cor da luta, como diziam seus novos amigos, aqueles que conheceu há um ano, em junho de 2013. Saiu de casa quando os outros dois irmãos colocaram suas camisetas verde-amarelo.

Dois ônibus, um metrô e muita caminhada de-

pois, ele estava no centro. No rosto um misto de ansiedade e medo. Aos poucos as pessoas começaram a chegar, trazendo bandeiras, faixas, cartazes, batusques e panfletos. Muitos jornalistas também esperavam a meia distância. Por um segundo ele pensou: “Vai dar tudo certo”.

“Viemos lutar contra a desigualdade e denunciar estes elefantes brancos. Exigir mais saúde, mais educação, moradias para todos e nosso direito de protestar que está acima do lucro de qualquer empresa” — disse a mulher no microfone. Os outros, quase todos jovens como ele, começaram a cantar em coro suas palavras de indignação. Seus amigos não vieram, pois têm “divergências políticas”.

A marcha começou, mas não durou muito. Trajando roupas que lembram um filme de ficção científica, os servos do Estado logo atacaram a manifestação. Daí pra frente “é só tiro, porrada e bomba”, como diria o funk que ele gosta.

Correu, pois sabia que se ficasse seria punido por mais de um crime e um deles seria ter na pele a cor preferida dos capitães do mato. Suas pernas finas o levaram para longe dos agressores.

Resolveu se esconder em um bar. Ninguém percebe sua presença, todos os olhares estão voltados para a tela e nela pôde ver os times entrarem em campo.

O hino começou e todos os clientes cantavam-no alegremente. Isto o incomodou: “Onde estavam esses *braços fortes*, defensores da igualdade e liberdade, quando seu *brado heroico* foi calado pela clava da injustiça?” Entre outros mil, ele também teve de fugir à luta, pois a gentileza da pátria queria acabar com seu sonho risonho.

Decide, depois de pensar um bocado, que iria torcer. Afinal, gostava de futebol e tinha o direito de se divertir. Seu torce-

dor interno se levantou lentamente, até que o camisa 9 o despertou de vez. Quando uma bola voou próxima do gol adversário, mas saiu por pouco pela linha de fundo, gritou com os outros: “Uúúú!”

Logo, em um contra-ataque, a redonda vai para o fundo da rede, só que na rede errada e os europeus abrem o placar em cima do time da casa. “Melhor assim, quem sabe o povo acorda pra vida.” Pensa meio a contragosto, como quem diz, “nem queria mesmo...”.

No entanto, a defesa brasileira se mostrou tão vulnerável quanto o ato em que ele estava e antes que fosse possível reagir a derrota se transformou em goleada, esta, por sua vez, vira humilhação, “a maior da história”, informa o comentarista. No estádio o público burguês se revoltou e distribuiu insultos homofóbicos, sobrou até para a presidenta. Esses caras não se comportam como torcedores frustrados e, sim, como consumidores descontentes com um produto. Aí resolvem atirar seu ódio no vendedor — reflete o jovem.

Após o apito final, com o microfone na boca e água nos olhos, o zagueiro explica: “Só queria dar uma alegria pro meu povo sofrido, me desculpem”. O garoto saiu do bar com esta frase na cabeça. Não seria este também o seu objetivo? Dar alegria ao povo.

Na volta para casa sentiu uma tristeza profunda, como se tudo tivesse sido uma única grande derrota, no campo e na rua. Pensou no ditado popular (ou seria uma canção popular?): *“E nem quero pensar: se meu time não fosse campeão/ Sorrindo ele me segredou: Nós ‘fazia’ uma revolução”*.

— Bem que seria bom, se fosse tão fácil — diz em voz alta na rua.

Quando param os sinos de vento

A casa em que a viúva vivia possuía um requinte típico de um bairro pioneiro em uma cidade centenária. O que a diferenciava das demais residências quase clássicas, incluindo uma ou duas já tombadas como patrimônio municipal. Eram os ares sombrios que a rodeavam no dado instante. Dentre as tantas outras habitações ao redor, com roseirais e sinos de vento na entrada — imagens que aguçam a vivacidade nas pessoas que passam ao redor —, estava a casa da viúva, toda cinza e pesada.

Verdade seja dita, ela não era conhecida como “a casa da viúva”, tampouco era sombria, mas no momento, com sua moradora escorada na poltrona da sala de estar portando em suas mãos um lenço molhado e uma aliança recém-tirada do anelar, observa-se que tais denotações são bastante coerentes. Ela acabou de voltar do enterro de seu marido, e enquanto seus familiares e amigos iam aos poucos deixando a casa após prestarem o devido luto, a viúva já tinha em mente que daquele dia em diante, ela ficaria sozinha naquilo que seu marido um dia chamou de lar.

Ficaria só em um lugar em que tudo remete ao falecido: fotos do casal com os dois filhos em diversos momentos e lugares; um vaso de cristal dado por ele como reconciliação de uma briga, com uma tulipa plantada por ela também como forma de reconciliação; e claro, o cheiro de madeira do taco. Ah, o cheiro de

madeira... Essa visão toda não fazia bem para ela agora e, por isso, que mais tarde, ao ser a única pessoa viva naquela casa, a viúva foi para a cama com a ideia de deixar o lar que viveu por quase trinta anos ao lado de seu marido. Para onde iria com certeza, ela também já tinha ideia.

Após duas ou três manhãs acordando com uma cama de casal só para ela, a viúva arrumou as roupas que mais usava em uma mala empoeirada que mantinha no quarto, contactou um taxista bastante conhecido e deu as direções precisas para o local aonde desejava ir. O trajeto entre a não mais casa da viúva até esse local passou pelo bairro da vizinhança vivaz, por algumas avenidas largas e modernas projetadas para gerenciar o trânsito que crescia a cada dia na cidade, por uma rodovia, cuja entrada se deu por uma das avenidas e, por fim, por uma estrada não pavimentada localizada a alguma distância que levou em torno de quarenta minutos para se chegar.

Lá estava no fim da estrada: um chalé sobrado, com todas as portas, janelas e paredes feitas de madeira, um jardim malcuidado à frente e um lago e uma floresta aos fundos. O que poderia ser um ambiente remoto era, para a viúva, bem mais amistoso do que sua casa na cidade. Nele, inclusive, se encontrava um sino de vento — que mais parecia com aqueles móveis infantis que se colocam sobre os berços — que deixava a senhora bem mais tranquila. Afinal, quer maior representação de calma do que estes tais sinos de vento que seus antigos vizinhos portavam em suas casas?

Pagou seu bom colega que a trouxe e se voltou para o chalé. Novamente se encontrava sozinha, mas, ao contrário de poucos dias atrás, ela já não achava isso uma má ideia, conseguia sentir a liberdade do peso que carregava anteriormente. Antes de

entrar em seu novo lar, ela deu uma olhada ao redor, apreciou a presença do lago, que poderia abrigar uma cria de patos acompanhando o nadar da mãe, já imaginava ela; mas o que mais lhe chamou a atenção foi a floresta que cercava quase todo o perímetro ao redor do chalé e do lago.

Essa floresta era composta somente por pinheiros. O que deixou a senhora espantada foi o fato de nunca ter visto esse tipo de vegetação na região em que morava. Não parecia razoável pinheiros crescerem num clima tropical. Ela também não parecia reconhecer aquela espécie de pinheiro, não era como aquelas que se encontram tipicamente como árvores de Natal estadunidenses, nem como as araucárias bastante conhecidas do sul brasileiro. Os troncos eram bem extensos e relativamente espessos, os galhos, compridos e finos, começavam a emergir esporadicamente de uma altura de um a dois metros, isto é, não eram tão numerosos na extensão do tronco nem cresciam tão-somente no alto, ao contrário das árvores de natal e das araucárias, respectivamente. As folhas eram pequenas, de um verde escuro profundo e com uma textura um tanto áspera.

A vegetação desconhecida parecia encantar a viúva, seus olhos pararam e analisaram o máximo de cada uma das árvores, percebendo que à medida que o vento passava entre elas, havia um movimento belo e harmonioso que só a natureza é capaz de criar. A escolha de deixar a cidade para afastar a morte do marido de seus pensamentos se mostrava cada vez mais vantajosa.

Com um suspiro aliviado ao deixar a visão dos pinheiros e se concentrar na porta de madeira maciça à sua frente, a viúva caminhou com um sorriso satisfeito no rosto e com a mala já não mais empoeirada na mão esquerda até a maçaneta da entrada

principal, girou-a e empurrou a porta, sentindo seu peso expressivo com o braço direito.

O sorriso, o alívio e a liberdade da viúva foram desaparecendo com o movimento e ranger da porta de madeira. Ao terminar de forçá-la, e ela atingir o máximo que a dobradiça permite, a mala estava largada no chão ao lado da senhora, e a mão que a segurava estava em seu rosto agora, tentando talvez esconder sua expressão boquiaberta.

O cheiro. O cheiro do taco. O cheiro do taco do seu antigo lar. O ambiente estava impregnado daquele odor característico que a viúva tão bem conhecia. Algo que preenchia seus pulmões, ao mesmo tempo em que preenchia sua mente com a figura do marido. A verdade é que sua casa na cidade tinha levemente esse cheiro nos cômodos em que o chão era coberto por tábuas de madeira bem dispostas, mas o que a viúva associava ao marido eram as noites em que ele chegava do expediente e ia para o quarto em sua companhia, e o cheiro que parecia imperceptível durante o dia, se tornava algo tão robusto que era como se fizesse parte dele. Agora o odor estava tão forte quanto estava nessas ocasiões e era como se a presença do falecido marido da senhora naquele ambiente fosse intrínseca.

A viúva se recompôs, pegou sua mala e caminhou em direção ao quarto, observando com afinco as paredes da casa, todas planejadas e erguidas com o esforço do marido. Formado engenheiro civil, o falecido possuía uma série de imóveis sob sua responsabilidade na cidade. O chalé também fora projetado por ele e entregue depois de completado um ano de casado com a senhora.

Ela ficou sem entender porque aquele cheiro estava tão vigoroso naquele ambiente, havia anos que seu marido ou mesmo

ela iam até lá. Foi subindo a escada de madeira, cujos degraus produziam um estalo forte quando ela pisava — som de uma madeira resistente e maciça. Assim como a porta. Assim como as paredes. Assim como o taco da sua casa na cidade.

Quando chegou ao quarto no piso superior, ela já sabia que aquele cheiro era exatamente o mesmo que lembrava o marido: a escada, a porta, as paredes e o taco eram da mesma madeira, alguma madeira cujo cheiro ela sentiu só agora e quando o marido chegava à noite, alguma madeira que ele conhecia bem. Ao deixar a mala sobre a cama e abrir a janela do quarto, a viúva já sabia de onde o marido arrumava tal madeira ao ver a vistosa floresta no horizonte ao seu redor.

A senhora não tardou em descer pelas escadas, com a pressa de alguém que busca a cura para sua doença, a lucidez para sua insanidade. Passou pela porta pesada, que ela deixara aberta, entrou no jardim e caminhou em direção à floresta. Os pinheiros agora balançavam mais rapidamente, porém, com a mesma harmonia, seguindo o movimento do vento assim como os sinos de vento dos vizinhos balançavam trazendo vida ao bairro. Mas não havia vento agora, por isso, ao contrário dos outros, o sino de vento do chalé permanecia estático e o que trazia certa vivacidade ao momento era a autonomia dos pinheiros.

A viúva conseguia enxergar certa vida nas árvores, que haviam deixado de serem inanimadas e passaram a movimentar os galhos e balançar serenamente o tronco, quase humanamente. Ela foi se aproximando, e algo um tanto conhecido por ela entrou por suas narinas e preencheu novamente seus pulmões. Agora, eram inevitáveis mais lembranças sobre seu marido e o movimento dos pinheiros passou a ser cada vez mais humano: a harmonia que havia entre cada um deles, dispostos lado a lado,

era a mesma que ela via enquanto abraçava o marido e ambos se movimentavam também serenamente com a multidão de convidados durante uma das danças de seu casamento. Os pinheiros eram os convidados, era ela, era seu marido.

Hipnotizada pelo que via, a viúva só conseguiu caminhar a lentos passos até a floresta, à mercê do destino que ela ditaria à sua sanidade, e cega nas memórias da dança de seu casamento, ela continuou andando até penetrar inteiramente entre os troncos, que continuavam a balançar de um lado para o outro, calmamente. A imagem estava cada vez mais nítida e, com isso, ela sentiu-se dizer o nome do marido, bem baixinho, só para si.

Foi quando os pinheiros pararam e ela também parou.

Agora, os olhos da senhora enxergavam outra imagem — seu marido —, já trinta anos mais velho do que em seu casamento, parado em um canteiro de obras que estava trabalhando, diante de uma altura de uns quinze a vinte metros onde se iniciaria a construção de algo subterrâneo. Era dali que ele voltava todas as noites cheirando àquela floresta viva, daquela obra que ele inspecionava diariamente para não haver nada de errado. Seus olhos também viam suas próprias mãos, ainda com a aliança que o marido havia colocado em seu anelar, ambas segurando uma tábua que havia pegado por ali mesmo. E pelo esforço que aparentava ao segurá-la, ela devia ser pesada e maciça.

Ela ia se aproximando do marido. Este, de costas, olhando para o horizonte, e ao parar silenciosamente atrás dele, com a pesada tábua levantada numa altura próxima ao pescoço dele, deu um suspiro e a movimentou abruptamente e com toda força que conseguiu em direção a ele. Seus olhos se fecharam e quando a tábua atingiu o alvo com o golpe fatal, foi a viúva que sentiu uma forte pancada na cabeça.

Eram os pinheiros, agora todos se movimentando com raiva, sem nenhuma harmonia, todos eles indo em direção à viúva, batendo nela com os galhos, depois que o primeiro golpe já a tinha atordoado. Ela urrou de dor. Os galhos não pararam, e os pinheiros se moviam cada vez mais próximos a ela. Ela caiu no chão, com as mãos cobrindo o rosto e gritando de dor. Mais golpes. Quando já não mais os aguentava, clamou o suplício:

— Eu não queria ter feito isso!

Então, os pinheiros pararam e aos poucos foram voltando ao lugar, como se já não tivessem mais fúria. Os olhos da viúva foram se fechando e o movimento piedoso das árvores foi tudo o que ela conseguiu ver antes de desvanecer por completo. Na manhã seguinte, ao se levantar em meio à floresta agora imóvel, tudo parecia bem.

31 autores

BRUNA SANTIAGO FRANCHINI

bruna.franchini@usp.br

Ribeirão Preto » Direito / FDRP

CAROLINA GIMENES FERREIRA

carolina.gf@outlook.com

Lorena » Engenharia de Produção / EEL

DANIEL MESQUITA DE MORAES

Ribeirão Preto » Funcionário / FFCLRP

DIOGO BOËCHAT DE MORAES

Lorena » Engenharia Química / EEL

EULA RAISSA CHAVES DE ALMEIDA

eula.raissa@hotmail.com

Piracicaba » Ciências Biológicas / ESALQ

FABIO MOURA CAVALCANTE

Lorena » Engenharia Bioquímica / EEL

GABRIEL SCHINCARIOL CAVALCANTE

www.medium.com/@gschincariol

Ribeirão Preto » Direito / FDRP

GABRIEL SILVA MENDELEH

Ribeirão Preto » Funcionário / PUSP-RP

GUILHERME GANDOLFI

<http://ironiaepoesia.wordpress.com/>

Piracicaba » Gestão Ambiental / ESALQ

JESIMAR DA SILVA ARANTES

São Carlos » Mestrado – Ciência da Computação / ICMC – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação

JORDAN FARES SAMPAR

www.venulasempoeiradas.blogspot.com

Ribeirão Preto » Ciências Biomédicas / FMRP

JORGE LUIS BAZAN

São Carlos » Docente / ICMC – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação

JOSÉ BARBOSA DA SILVA

Ribeirão Preto » Ciências da Informação e Documentação / FFCLRP

JOSÉ OTÁVIO SILVA TEDESCO

Lorena » Engenharia Química / EEL

LEONARDO ANDRETA DE CASTRO

leonardo.castro@usp.br

São Carlos » Pós-graduação / IFSC

LUCAS JOSÉ SOFIATI

Ribeirão Preto » Química / FFCLRP

LUIS FERNANDO CARRARA RIBEIRO

carraralagar@hotmail.com

Ribeirão Preto » Direito / FDRP

MARCOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA JÚNIOR

marcos.marinho.maoj@hotmail.com

São Carlos » Engenharia Elétrica / EESC

MARIA JÚLIA PEREIRA

Ribeirão Preto » Direito / FDRP

MARIANA GOMES VICENTE<http://100reasonsto.tumblr.com/>Piracicaba » Ciências Biológicas /
ESALQ-USP**MARIANE LORIGIOLA LUZ**São Carlos » Engenharia de Materiais e
Manufatura / EESC**MONYQUE DE SOUZA REIS**

Santos » Engenharia de Petróleo / EPUSP

NICHOLAS FUNARI VOLTANI

Lorena » Engenharia Física / EEL

OTÁVIO BRAGA FARINELLIwww.apenaspenas.wordpress.com

Ribeirão Preto » Química / FFCLRP

RAFAEL MATSUDA SUZUKI

Ribeirão Preto » Direito / FDRP

RICARDO CACHETA WALDEMARIN<https://medium.com/@CaWal>

Ribeirão Preto » Mestrado / FFCLRP

ROBERTO RODRIGUES DE SOUZA<https://www.facebook.com/Bettosouza>

Ribeirão Preto » Biblioteconomia e Ciências da Informação e da Documentação / FFCLRP

THAIS RIOS LUZ

Lorena » Engenharia Química / EEL

VICTOR FONTANEZI DE SOUZA

@victorfontanezi

Ribeirão Preto » Matemática / FFCLRP

VICTOR FORNASIERO DE PAIVA

fornasieropaiva@icloud.com

Ribeirão Preto » Ciências Biológicas /
FFCLRP**YURI MICHELAN RODELLA**São Carlos » Matemática / ICMC
– Instituto de Ciências Matemáticas e de
Computação



Programa **Poeta de Gaveta #22**

Inscrições realizadas no período de 17 de abril a 31 de maio de 2015.

Total de 73 participantes com 176 trabalhos:

Bauru • 1 p – 3 t/inscritos
Lorena • 11 p – 29 t/inscritos
Piracicaba • 4 p – 12 t/inscritos
Pirassununga • 3 p – 8 t/inscritos
Ribeirão Preto • 43 p – 98 t/inscritos
Santos • 1 p – 1 t/inscrito
São Carlos • 10 p – 25 t/inscritos

Este livro foi composto nas tipografias
BellGothic + Georgia (*títulos*), Garamond + Univers (*textos/créditos*).
Papel capa Supremo 300g / Papel miolo Polen Soft 85g.

Tiragem: 800 exemplares.
Impresso em março de 2016. Distribuição gratuita.
Proibida a reprodução sem prévia autorização.

Impressão e acabamento

Gráfica e Editora Triunfal
Rua Fagundes Varela, 967 – Vila Ribeiro
Assis, SP • Cep 19802-150
T (18) 3322.5775 / Fax (18) 3324.3614
www.graficatriunfal.com.br